



Empréstimos de origem italiana na terminologia gastronômica

Paola Giustina Baccin
(USP)

RESUMO: Na terminologia gastronômica da língua portuguesa encontramos unidades lexicais provenientes da língua italiana adaptadas ou não, dicionarizadas ou não. A adaptação ao sistema e às normas da língua receptora revela que os estrangeirismos além de integrar, modificarão a visão de mundo dos falantes e serão modificados por essa visão de mundo adquirindo novos semas.

PALAVRAS-CHAVE: empréstimos; estrangeirismos; italianismos; gastronomia.

As palavras correspondem ao modo como um determinado grupo vê, sente e concebe o mundo exterior. Esse modo varia de um povo para outro e até mesmo de um indivíduo para outro. Somente a consciência do falante de que determinado evento lingüístico pertence a uma determinada língua histórica¹ permite a concepção de um enunciado no qual alguns elementos que pertencem a outra língua histórica sejam sentidos como tais (Weinreich, 1974:4 e 11).

O empréstimo, no sentido *lato*, corresponde à aquisição, no âmbito de uma língua funcional,² de elementos de sistemas lingüísticos ou de normas pertencentes a outra língua funcional. O empréstimo pode ocorrer dentro de uma mesma língua histórica. Nesse

1 A língua histórica é a “língua constituída historicamente como unidade ideal e identificada como tal pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas, habitualmente através de um adjetivo ‘próprio’: língua *portuguesa*, língua *italiana* (...)” (Coseriu, 1980:110).

2 A língua funcional é definida como uma língua determinada (unitária e homogênea) considerada sob um ponto de vista sincrônico (um período historicamente determinado), sintópico (uma única realidade geográfica), sinstrático (um único estrato social) e sinfásico (uma única modalidade expressiva). Nos discursos, identificamos as diversas línguas funcionais, empregadas isoladamente ou combinadas entre si. Uma língua funcional realiza-se de acordo com os níveis de atualização da língua descritos por Coseriu: sistema, norma e fala (Coseriu, 1980).

caso, observamos empréstimos entre normas, como os empréstimos lexicais entre línguas de especialidade, ou entre as línguas de especialidade e a língua geral, ou entre falares de grupos, como as gírias do submundo, que passam a integrar a língua geral. No nível diatópico, há os empréstimos entre dialetos, ou entre dialetos e a língua geral. Na língua portuguesa, observamos, por exemplo, empréstimos entre o português europeu (portuguesismos ou lusismos) e o português do Brasil (brasileirismos). A acepção mais comum refere-se ao empréstimo entre línguas funcionais pertencentes a línguas históricas diversas, como entre a língua italiana falada pelos imigrantes e a língua portuguesa falada pelos habitantes da cidade de São Paulo, no período da segunda fase de imigração.

Nelly Carvalho (1989:35 e ss.) define *estrangeirismo* como a palavra estrangeira, existente na língua A (língua fonte), usada na língua B (língua receptora). Segundo a autora, o estrangeirismo, quando sofre uma adaptação de qualquer tipo na língua receptora, é chamado de *empréstimo* e, se não há adaptação, é denominado *xenismo*.

Bernard Quemada (1981) localiza os *empréstimos* no plano do código (norma), definindo-os como lexias naturalizadas emprestadas de outros sistemas lingüísticos, que podem ser sistemas pertencentes a línguas regionais (dialetos) ou a línguas estrangeiras. Pertencem a esse grupo, os *xenismos*, considerado um subconjunto de empréstimos, que conservam, no plano do código, conotações relativas à sua origem.

No plano do discurso (fala), localizam-se os *peregrinismos* e as *palavras estrangeiras*. O primeiro é o lexe estrangeiro que aparece pela primeira vez (ou primeiras vezes) em um contexto referente ao país de destino, para falar de realidades estrangeiras; o segundo é apenas uma espécie de citação referente a uma realidade estrangeira em um contexto estrangeiro. Ieda Maria Alves (1999:70) localiza os *estrangeirismos* no plano do discurso, definindo-os como lexes importados de outros sistemas lingüísticos e empregados esporadicamente, enquanto os *empréstimos* são localizados no nível do código, definidos como os estrangeirismos lexicalizados, independentemente de sua adaptação gráfica.³

3 “Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro empregado em outro sistema lingüístico é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo (corresponde ao francês *xénisme*, citado por Quemada), ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma. [...] Imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência. [...] É facilmente encontrado em vocabulários técnicos [...] como também em outros tipos de linguagens especiais: publicidade e colonismo social. [...] A fase neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando está se integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se através de *adaptação* gráfica, morfológica ou semântica” (Alves, 1990:72-80).

Retomando o que foi dito acima, a percepção do estrangeirismo só é possível quando há consciência dos dois códigos e/ou dos dois sistemas que estão em contato. O grau dessa percepção é individual e está sujeito a muitos fatores: se o empréstimo é ainda um neologismo, se houve adaptação ao padrão da língua receptora e se o falante tem consciência da existência dos dois sistemas.

A palavra estrangeira é reconhecida no nível do sistema. O falante isola, no plano do discurso, unidades lexicais percebidas como elementos não pertencentes ao sistema de sua língua. Citamos, como exemplo, as seguintes unidades lexicais da língua italiana encontradas, no nível do discurso, na língua portuguesa: *broccoli*, *carpaccio*, *ciao*, *pizza*, *spaghetti*. A dupla consoante *c*, o som “*cio*” a dupla consoante *z* e a palavra iniciada pelo *s* mudo são elementos que não pertencem a nenhum dos sistemas da língua portuguesa. A aceitação e a frequência desses elementos resultam em sua lexicalização que pode ou não acarretar adaptação ao sistema da língua portuguesa. Nos exemplos citados, *pizza* e *carpaccio* foram dicionarizadas com sua expressão original; *brócolis*, *espaguete* e *tchau* foram lexicalizadas em sua forma adaptada, perdendo aos poucos a visibilidade como estrangeirismos.

Bloomfield classifica os empréstimos em íntimos, culturais e dialetais. Empréstimos íntimos são os provenientes da convivência de duas línguas no mesmo território. Empréstimos externos ou culturais resultam dos contatos políticos, sociais, comerciais e até militares entre os povos. Empréstimos dialetais são aqueles entre falares da mesma língua, ou seja, variantes regionais, sociais e jargões especializados (Bloomfield, 1933:461 *apud* Carvalho, 1989:36 e Mattoso Câmara, 1970:269).

No caso da penetração dos italianismos na terminologia gastronômica, devemos considerar duas fases distintas.

“*Le parole in valigia*”

A primeira fase refere-se aos italianismos introduzidos por meio das duas grandes correntes migratórias de italianos para o Brasil: a primeira, ao final do século XIX e início do século XX, quando grupos de imigrantes, principalmente de regiões da Itália setentrional, vieram para os Estados do sul e do sudeste do Brasil a fim de trabalharem na lavoura; e a segunda, após a Segunda Guerra Mundial, quando os imigrantes, em sua maioria provenientes das regiões da Itália meridional, dirigiram-se principalmente para a Grande São Paulo a fim de trabalharem na indústria. Pela classificação de Bloomfield, temos, como resultado da convivência das duas línguas no mesmo território, empréstimos íntimos, em que “os imigrantes levam seus traços para a língua dominante no país, na região onde se instalam” (Carvalho, 1989:39 e cf. Mattoso Câmara, 1970:269-275).

Mattoso Câmara considera esse caso de empréstimo íntimo pouco relevante e afirma que: o falante, ao mudar de língua para melhor integrar-se na nova sociedade, pode insinuar termos do léxico abandonado. A sua preocupação é, entretanto, assimilar da melhor maneira possível o idioma do novo meio. E este meio lhe refuga, ao mesmo tempo, com altivez, como claudicações, as reminiscências da língua originária. Os empréstimos vocabulares circunscrevem-se, por isso, então, quase sempre às línguas especiais e à gíria. (1970:275)

Os italianismos provenientes desse contato íntimo entraram para a língua receptora principalmente por intermédio da língua oral (de pais para filhos, entre vizinhos, de empregado para patrão etc.) e, como estão há muito tempo no léxico, adaptaram-se ou desapareceram. Algumas das unidades lexicais, no entanto, ainda são sentidas como italianismos, não obstante a sua total adaptação fonética. É o caso de *espaguete*, *nhoque*, *polenta* etc. As unidades lexicais utilizadas para denominar os apetrechos para a elaboração dos pratos tipicamente italianos não se mantiveram na língua original, como, por exemplo, *matterello*, que corresponde a “rolo para abrir massas”, “pau de macarrão” objeto específico de origem italiana.

“*Le parole in commercio*”

A segunda fase ocorreu quando as unidades lexicais de origem italiana passaram a fazer parte da terminologia gastronômica brasileira, podendo ser consideradas empréstimos culturais, segundo a classificação de Bloomfield. São as unidades lexicais que vieram a partir de 1990, com a abertura das importações aos produtos estrangeiros. Podem ser comparadas ao que Carvalho denomina termos de origem erudita:

[eles] vêm pela língua escrita, a grafia original se mantém, dando prioridade à forma gráfica sobre a forma fônica. A pronúncia nestes casos tem pouca importância, embora o falante culto se esforce por seguir os padrões originais, dificilmente conseguindo. No domínio das ciências, a importação de novas idéias e conceitos dá-se sempre pela forma escrita. (Carvalho, 1989)

São italianismos que, efetivamente, vieram pela língua escrita, nas embalagens de produtos importados, nos livros, nas revistas de receitas originais em italiano, que vão para os cardápios dos restaurantes e que, apesar de ainda não serem usados pela maioria da população, apresentam um alto grau de divulgação. O falante culto, o especialista da área gastronômica, esforça-se por seguir os padrões originais. O levantamento dos italianismos revelou que a maioria das unidades lexicais faz parte dessa segunda fase e que

mesmo aquelas da primeira fase são retomadas na forma original, numa tentativa de torná-las mais eruditas.

Há, ainda, um terceiro grupo de italianismos composto por termos relacionados às artes, à navegação e, principalmente à música, como *adagio, allegro, andante, piano, pianissimo, sonata* etc., fruto de contatos culturais e do prestígio da língua italiana neste campo. Carolina Michäelis afirma serem de origem italiana muitos termos relacionados à navegação como *amainar, escolta, piloto, prova*. Ressalta, além disso, a grande influência do italiano nas artes. Na poesia, temos *soneto, terceto*; na arquitetura, *mezanino, pedestal, pilastra*; no teatro, *arlequim, colombina, favorito, vedeta*; nas artes pictóricas, *azul ticiano, caricatura* (Carvalho, 1989:17).

Chamamos de *italianismo* qualquer unidade lexical de origem italiana, adaptada ou não (*nhoque, brócolos, al dente, cappuccino, polenta*), encontrada no sistema da língua portuguesa. Chamamos de *palavra estrangeira* à palavra da língua italiana considerada no seu sistema de origem. Nosso objetivo é recolher os italianismos pertencentes ao campo lexical da alimentação, presentes nos documentos de um *corpus* formado por textos de divulgação de restaurantes em jornais e revistas de grande circulação na cidade de São Paulo, por cardápios de restaurantes italianos ou não, livros de receitas, materiais divulgados pela Internet, embalagens de produtos nacionais ou importados, e verificar o caminho que a unidade lexical realiza dos diversos tipos de discursos para o código, ou seja, a sua lexicalização – do *status* de lexe para o de lexia; do estrangeirismo (em vias de lexicalização) para o empréstimo (lexicalizado) –, e seu papel na constituição desse campo lexical.

Adaptação e integração dos estrangeirismos

O léxico, considerado como conjunto de todas as palavras de uma língua histórica, mantém-se coeso por meio de uma intrincada rede de conexões (Sabatini, 1984:494).

“A tendência geral dos empréstimos vocabulares é adotarem a fisionomia mórfica da língua importadora.” Essa afirmação de Mattoso Câmara (1970:254) não desconsidera a noção de língua como estrutura. Como o empréstimo é um neologismo, sua introdução em uma estrutura acarreta uma adaptação dessa estrutura em grau variável, comportando, igualmente, um uso inteiramente novo da unidade lexical importada.

A adaptação de um estrangeirismo à língua receptora pode manifestar-se por meio de adaptação fonética, gráfica, morfológica ou semântica,⁴ isoladas ou combinadas.

4 Cf. Alves, 1990:77-82.

Adaptação fonética

A adaptação fonética é a primeira acomodação sofrida pelo estrangeirismo ao ser introduzido em um novo sistema. Em primeiro lugar, porque há uma dificuldade intrínseca por parte do falante da língua receptora em reproduzir as articulações necessárias para a realização fônica de um fonema estrangeiro; em segundo lugar, o falante da língua receptora não reconhece os traços típicos (funcionais ou não) pertencentes ao sistema ou a determinadas normas da língua fonte (Mattoso Câmara, 1970:262).

Quando os traços são de caráter funcional, ou seja, pertencem ao sistema da língua fonte, a unidade lexical assume uma forma totalmente nova, irreconhecível aos próprios falantes da língua fonte. É o caso de *fagottini* /fagottini/ que por um falante brasileiro pode ser pronunciada /fago tʃi ini/. Em português, a pronúncia /ti/ ou /tʃi/ não tem valor funcional, não pertence ao sistema da língua, é um fato de norma. A segunda, /tʃi/, típica dos falares cariocas, tornou-se freqüente, também em São Paulo, devido à sua divulgação pela televisão. A adaptação fonética cria, para o falante italiano, uma nova forma de expressão **fagocini*, à qual ele não consegue atribuir um significado.

Quando os traços não são de caráter funcional, ou seja, pertencem a determinada norma da língua fonte, a adaptação não cria para o falante italiano uma nova forma de expressão, sendo percebida apenas como uma alteração na pronúncia considerada normal. É o caso da supressão da pronúncia das consoantes duplas, como em *tortellini*, ou o acréscimo de uma vogal inicial em palavras como *stracotto* e *spumone*.

A adaptação fonética pode ocorrer na substituição de um fonema da língua fonte por outro fonema da língua receptora, devido à não-correspondência gráfica entre as duas línguas. Exemplificando: para o sistema da língua portuguesa, o grafema *ch* tem a pronúncia /ʃ/ enquanto para o italiano tem a pronúncia /k/; e o grafema *gli* tem a pronúncia /gli/, para o português, e /ʎi/, para o italiano. Foi observado que é freqüente a adaptação, na língua oral, da pronúncia da unidade lexical *conchiglione* [konkiʎione] para o português /kon ʎiglione/. Esse caso também cria para o falante italiano uma unidade lexical irreconhecível em seu sistema.

Pode ocorrer, ainda, que um determinado fonema da língua fonte seja adotado pela língua receptora. Nos italianismos observados, o empréstimo é feito apenas no nível do morfema, ou seja, da unidade lexical, e não no nível do fonema. Nesse caso, o novo fonema não passa a integrar o conjunto de fonemas da língua receptora. Citamos, como exemplo, *pizza*, que não sofreu nenhuma adaptação fonética, e *cappuccino*, que mantém a pronúncia italiana /tʃi/ apesar de sofrer a inevitável acomodação na pronúncia do *o* final para a semivogal *u*, comum na língua portuguesa.

Adaptação gráfica

Para Carvalho (1989:13-21), “todas as palavras que passaram e passam continuamente a fazer parte de nosso acervo lexical têm que se adaptar a este padrão (da língua portuguesa) para que possam ser consideradas termos vernáculos” Alves (1990:77-79), no entanto, considera que “a incorporação ortográfica da unidade lexical estrangeira ao sistema português não constitui uma regra” De fato, palavras como *jeans*, *shorts*, *pizza*, que não sofreram nenhuma adaptação gráfica, são consideradas, pela sua frequência, pertencentes ao acervo lexical português.

A unidade lexical pode sofrer uma acomodação ortográfica ao adaptar-se à língua receptora. É o caso dos inúmeros italianismos já dicionarizados. Aqui também cabe uma distinção entre a adaptação total ou parcial da grafia.

Em *espaguete*, *lasanha*, *marasquino*, houve a adaptação total da unidade lexical. Em *nhoque*, temos uma adaptação total ao nosso sistema gráfico que originou a criação de uma palavra cuja grafia não é normal na língua portuguesa. Não há registros de palavras da língua comum iniciadas por *nho*. Observamos, ainda, as seguintes ocorrências entre os produtos registrados pela ANVISA: *nhoque* (223), *nhoqui* (2), *inhoque* (6), *gnocchi* (21), *gnochi* (6).

Em *ravióli*, houve uma adaptação parcial. A vogal *i*, em posição final, não foi adaptada para *e* como em *espaguete* ou *nhoque*. A paroxítona terminada em *i*, formação não-normal na língua portuguesa, recebe o acento tônico.

A substituição das consoantes duplas por consoantes simples, como em *amaretto* / *amareto*, pode revelar também casos de adaptações parciais. Para a unidade lexical *cappuccino* (dicionarizada em Houaiss), observamos a ocorrência da adaptação parcial *capuccino* em PDG (85).

Uma das ocorrências mais emblemáticas refere-se às unidades *cannelloni* e *cappelletti*, já integradas à terminologia gastronômica e até mesmo dicionarizadas. A abundância de consoantes duplas nas unidades originais cria uma hesitação na adaptação, revelada nas inúmeras ocorrências divergentes registradas no *corpus*. Enfatizamos, como exemplo, *cappelletti*, para a qual registramos as seguintes adaptações: *capelete*, *capeletes*, *capelette*, *capeleti*, *capeletti*, *capelletti*, *capelletti*. O desvio disfórico *capeletti* é mais freqüente do que as adaptações *capelete* (dicionarizada), *capeleti* e *cappelletti* (italianismo não-adaptado graficamente). Há 70 produtos registrados pela ANVISA denominados *capeletti*, contra 46 *capelete*, 20 *cappelletti* e 19 *capeleti*. A mesma proporção se mantém na pesquisa realizada em www.Google.com.

No *Pequeno dicionário de gastronomia* (PDG) e no *Dicionário-almanaque de comes & bebes* (C&B), que se autodenominam dicionários especializados em gastronomia, as varia-

ções de adaptações gráficas encontradas em seu interior são a comprovação definitiva de que a adaptação gráfica não indica um grau de integração maior ou menor da unidade lexical. A hesitação gráfica em relação às duplas consoantes não preocupa os autores, que parecem considerar a presença de pelo menos uma dupla consoante indicação de que a palavra está grafada em italiano. Observamos em várias ocorrências do *corpus* que essa hesitação persiste até mesmo em um mesmo artigo, como em *Guia da Folha* (ano 4, nº 224), no qual encontramos *capelete* e *cappelletti* no mesmo texto. No dicionário *C&B*, registramos as seguintes adaptações diferentes para a mesma unidade lexical:

“< Capeletti>.⁵ “Pode ser considerado como uma variação do ravióli. A mesma massa, os mesmos recheios, os mesmos molhos e o mesmíssimo processo de cozimento. Muda apenas o visual, pois em lugar de parecer um pastelzinho quadrado, lembra uma conchinha enroscada.” (83)

“Tortelini. Um tipo de <capeleti> pequenino.” (323)

“Massa. [...] no Norte, as com recheio (como o <cappelletti> e o ravióli [...])” (219)

Para os italianismos introduzidos a partir de 1990, há uma tendência de manutenção das consoantes duplas ou de criá-las onde não existem. Na terminologia gastronômica, citamos como exemplo *marsala - marsalla* (sic). Essa tendência é percebida também pelo público e pelos jornalistas especializados em gastronomia, como verificamos na crítica em *Folha de S. Paulo. Ilustrada*, 19/04/2001 (E4):

“VILLA OLIMPIA (por sinal, mais um que adere à moda cafona de colocar letras duplas para “parecer mais elegante”) [...].

A adaptação gráfica pode ser um excelente recurso estilístico, como podemos observar na adaptação do nome da cidade japonesa Kyoto, grafada *Chioto* para denominar um restaurante especializado na combinação da culinária italiana com a culinária japonesa.

“Chioto une Itália e Japão. A idéia não é exatamente nova, mas é muito interessante e muito pouco explorada no Brasil: a de combinar as cozinhas japonesa e italiana, como faz o novo restaurante Chioto. A casa cujo nome, pronunciado em italiano, é o da cidade japonesa de Kyoto [...] oferece dois cardápios independentes um japonês e um italiano. O mais curioso, porém, é uma

5 Na entrada não é indicada, como em *canelone*, a variação em italiano (“*Canelone. Canellone. Uma espécie de panqueca que os (...)*” (C&B (81))). Podemos assumir daí que o autor considera *capeletti* a palavra italiana, não-adaptada.

terceira seção do cardápio, intitulada “Fusioni / Mazeru” que apresenta receitas que misturam ambas as influências. [...] Uma forma curiosa de experimentar a fusão de duas culturas e culinárias tão díspares” (*Revista da Folha*, 16/06/2000 (67)).

A cozinha paulistana é fruto da combinação do paladar dos diversos povos que habitam a cidade, muito antes da criação do termo *fusion cuisine*. Hoje, alguns restaurantes assumem essa vocação como é o caso do CHIOTO, que revela, na operação lingüística, a consciência dessa síntese de culturas gastronômicas.

Adaptação morfossintática

A adaptação morfossintática consiste na acomodação às regras morfológicas da língua portuguesa. Entre os casos mais interessantes, observados principalmente no campo semântico das massas alimentícias, está a adaptação quanto ao número.

Espaguete vem da forma plural, *spaghetti*, sing. *spaghetto*. Em português, temos a forma no singular *espaguete* / pl. *espaguetes*. Na denominação dos pratos, no entanto, é mantida a forma singular: *espaguete à bolonhesa*, *espaguete ao sugo*. Em italiano, na denominação dos pratos temos sempre a forma plural *spaghetti al sugo*.

Espaguete deveria ser modelo para *capelete*, *raviole* etc.; observamos, porém, que a forma em *i ravióli* e *caneloni* predomina, demonstrando uma evidente interferência da língua oral. No plano da norma, em português, a final /e/ é pronunciada /i/. No momento da dicionarização, determinou-se a adaptação da palavra para *e*, *espaguete*, pois não é normal o registro de paroxítonas terminadas em *i*; no entanto, estas palavras estão registradas no *corpus* e são amplamente divulgadas, como *funghi* e *ravióli*. Seguindo o modelo de *espaguete*, teríamos: *capelete*, *canelone*, *espaguete*, *fetucine*, *papardele*, *raviole*, sempre no singular (como nome de pratos), e *capeletes*, *fetucines*, *papardeles*, *ravioles*, no plural (como nome de ingredientes). Observamos que *espaguete* e *nhoque* estão consolidados, mas não criaram paradigma. Registramos, com frequência, *caneloni*, *capeleti*, *fusili*, *fungui*, *ravioli*, criando paroxítonas em final *i*. No plural, registramos⁶ *raviólis*, *capeletis* (15/30), *cappeletis* (1/1), *cappelletis* (3/4), *cappellettis* (6/9), *capellettis* (6/7), *capelettis* (22/25). A forma *capelete* é sentida como adaptada para o português, gerando apenas o plural *capeletes* (49/77), sem o registro das formas *cappeletes*, *cappelletes*, *cappelletes*.

6 Pesquisa de ocorrência e de frequência na Internet com o sistema *Google*. O primeiro número indica o total de documentos e o segundo o total de ocorrências sem que sejam computados documentos similares. Essa discriminação foi feita automaticamente pelo motor de busca.

Segundo Alves (1990:72-82), “morfossintaticamente, a integração à língua portuguesa manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos”

Citamos, como exemplo, os derivados formados pelos sufixos *-eria*, ou *-aria*: *bruschetteria*, *bruscheteria*; *lazanheria*; *risotteria*, além do já dicionarizado *pizzaria*.

O sufixo *-eira* criou *capeleteira* (Italvisa), *nhoqueira* (Houaiss), *ravioleira* (Santonelli), *ravioleteira* (Italvisa), *talharineira* (FarinayCerletti).

A unidade lexical *cantina*, adaptada semanticamente para o português, criou o adjetivo *cantineiro*: *ar cantineiro*; *cardápio cantineiro*; *cozinha cantineira*; *cozinha quase cantineira*; *dicas cantineiras*; *insinuação cantineira*; *padrão cantineiro*; *salada cantineira*; *serviço cantineiro*; *tradição cantineira*.

O sufixo *-ada* criou o dicionarizado *macarronada* (Houaiss) e o neologismo *pizzada* (470 ocorrências em www.google.com). Alguns italianismos foram adaptados parcialmente, mantendo o sufixo *-ata*: *chipolata* (de *cipollata*). Observamos, nesse caso, a adaptação gráfica e fonética da sílaba inicial e a manutenção do sufixo. O mesmo tipo de adaptação pode ser observado em outros italianismos provenientes de outras áreas de especialidade e já integrados à língua portuguesa como *colunata*, *escalinata*, *improvisata*, *jogata*, *mascherata*, *passeata* e *serenata*.⁷

Adaptação semântica

A adaptação semântica consiste na modificação do significado da palavra estrangeira introduzida na língua receptora. A nosso ver, a adaptação semântica, bem como a adaptação fonética, é inevitável, uma vez que “a um léxico diferente corresponde uma maneira diferente de organizar, e, assim, de conceber a experiência do mundo exterior” (Coseriu, 1980:38). Para Pottier, o semema de um signo lingüístico é um conjunto de semas agrupados em subconjuntos de semas genéricos e subconjuntos de semas específicos. O sema genérico é aquele que indica a pertinência do modelo a uma classe mais ou menos geral, enquanto o específico individualiza o modelo no âmbito de uma classe. Além dos semas genéricos e específicos, o signo lexical é constituído de um conjunto de semas virtuais – os semas conotativos –, que são de ordem cultural e não resultam de uma análise do fato extralingüístico, mas da leitura e dos traços atribuídos pelo ser humano. São resultantes de uma visão de mundo.

7 Os exemplos foram extraídos de Houaiss.

Ao ser introduzida em um novo sistema, a unidade lexical perde alguns desses traços semânticos e adquire outros que pertencem à visão de mundo da comunidade da língua receptora. Assim como a adaptação fonética, a adaptação semântica normalmente não é percebida pelos falantes, que não conhecem todos os semas do novo elemento e que irão construir o significado do empréstimo principalmente sobre os semas genéricos e específicos, ou seja, os semas de caráter funcional. Além dessa inevitável adaptação semântica, pode ocorrer a atribuição de um novo sema ou semema ao estrangeirismo na língua receptora.

Citamos como exemplo *espaguete*, dicionarizado em Houaiss e em Aurélio como:

s.m. 1 B Regionalismo: Brasil. pasta alimentar à base de trigo que, depois de desidratada e endurecida, se apresenta, na sua forma final, em fios delgados 2 ELETR *infrm.* fio de matéria plástica flexível que serve para encapar fios condutores descobertos, isolando-os. (Houaiss)

[Do it. spaghetti.] s.m. 1. Pasta alimentar, à base de sêmola de trigo, desidratada e dura, apresentada sob a forma de fino bastão maciço; macarronete. 2. Eletrôn. Fio cilíndrico, de matéria plástica flexível, que serve para isolar fios condutores descobertos, encapando-os. (Aurélio)

A segunda acepção, na realidade, é uma nova unidade lexical cuja intersecção com a unidade estrangeira de origem resume-se unicamente a uma semelhança no formato; trata-se, portanto, de homonímia e não de polissemia. À segunda unidade lexical, criada na língua receptora, podemos acrescentar uma terceira, ainda não dicionarizada: espécie de bóia de material sintético poroso, de forma cilíndrica e alongada usada, principalmente, em atividades aquáticas em piscinas.

A adaptação semântica considerada como o acréscimo de um ou mais semas genéricos ou específicos a uma unidade lexical de origem estrangeira é uma comprovação da total integração do estrangeirismo à língua receptora.

A adaptação semântica pode ocorrer também na passagem de um sema secundário, específico da unidade lexical considerada em um nível sintópico, sinfásico, sinstrático ou até sincrônico na língua de origem, a um sema genérico na língua receptora. É o caso de *bucatini/fusilli*, *braciola*, *cantina*.

Tradução e decalque

Tradução, *lato sensu*, é a transcodificação entre sistemas semióticos. No âmbito lingüístico, é a transcodificação de signos lingüísticos intersistemas ou internormas. *Stricto*

sensu é a tradução de uma língua histórica para outra.⁸ No âmbito da tradução do estrangeirismo, podemos afirmar, com Alves (1990:76), que “ao empregar um estrangeirismo, o emissor é muitas vezes consciente de que ele poderá não ser interpretado pelos receptores do texto. Por essa razão, em muitos contextos a unidade léxica estrangeira é seguida de tradução ou até mesmo de uma definição do seu significado”. O recurso de utilizar uma tradução após o estrangeirismo indica que o significado desse elemento pode não ser compreendido por uma parte dos receptores e, portanto, que a unidade lexical ainda não está integrada. A ausência de uma explicação pode criar uma falsa compreensão do significado ou até mesmo a não-compreensão da unidade lexical, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(...) *risoto de zucca, porcini e mandorle*.⁹

É a denominação de um prato principal de um restaurante. *Zucca* e *mandorle* poderiam ter sido traduzidos para o português *abóbora* e *amêndoas*, *porcini* é um italianismo que denomina um tipo de cogumelo.

TASCA (...) Entre as sugestões, ravióli de pato ao molho de vinho do Porto, truta ao molho de uva com purê de abóbora ao vinho branco amêndoas e *piadinas*. [grifo nosso] [...] Prato principal: piadina de fungui secchi.¹⁰

Piadinas, adaptação morfológica do italiano *piadina*,¹¹ aparece sem nenhuma explicação, como se fosse uma unidade lexical freqüente na língua portuguesa. A falta de explicação pode levar o leitor a considerá-la um ingrediente do purê de abóboras.

Revela-se a total integração do empréstimo quando é utilizado na tradução de outros estrangeirismos. Em *Guia da Folha* (ano 3, nº 192 (73) e nº 195 (80)), dois restaurantes árabes descrevem o *chich barak*:

o chich barak (raviólis cozidos no iogurte); (KIBE KIBE)

o chich barak (raviólis cozidos na coalhada). (FOLHA DE UVA)

8 Cf. Jakobson, 1969:64-65

9 *Guia da Folha* (ano 3, nº 189 (81)).

10 *Guia da Folha* (ano 3, nº 189 (83)).

11 *Piada* ou *piadina*, também denominada *piã*, é uma espécie de pão ázimo cozido sobre uma pedra aquecida. Esse alimento, típico da Emilia-Romanha, é conhecido desde a Idade Média e consumido como acompanhamento para presunto, queijo ou para acompanhar antepastos (*GEI* e *Zanichelli*).

O decalque é um tipo de tradução em que a formação estrangeira recebe uma versão literal na língua receptora. No campo semântico das massas alimentícias, citamos *massa (pasta)*; *caracolinho (chioccirole, lumachine)*; *estrelinha (stelline)*; *gravatinha (farfalle)*, *parafuso (fusilli)*, entre outros.

As adaptações podem ocorrer em diversos níveis ao mesmo tempo como em *salsicha* - de *salsiccia* ou (pop.) *salciccia* -, que sofreu adaptação gráfica e adaptação semântica. Em italiano, *salsiccia* designa o tipo de embutido que em português conhecemos por *lingüiça*.¹²

As unidades lexicais em fase de adaptação e até mesmo as já adaptadas podem apresentar variantes. As variantes podem ter origem em documentos distintos (registros de terminologias diversas), como em *trigo duro* e *trigo comum* (var. *trigo mole*, *trigo tenro*, *trigo brando*). As traduções feitas com base apenas em documentos da terminologia gastronômica podem ter originado os decalques *trigo tenro* e *trigo mole* do italiano *grano tenero*. Nos documentos sobre o cultivo do trigo, esses termos não constam como equivalentes de *grano tenero*, mas são denominações de tipos de trigo diversos.

A componente diacrônica, inerente na nossa primeira classificação dos italianismos (cf. “*Le parole in valigia*” e “*Le parole in commercio*”), colabora para a percepção do grau de integração do estrangeirismo.

Conclusão

Na terminologia gastronômica as unidades lexicais observadas pertencem a dois grupos. O primeiro grupo contém as unidades lexicais que há muito tempo fazem parte do nosso idioma e não são mais sentidas como estrangeirismos. São unidades lexicais da língua comum, compreendidas (vocabulário passivo) e utilizadas (vocabulário ativo) pela maioria da população. São unidades lexicais encontradas também em outros idiomas. Algumas unidades foram adaptadas gráfica e morfológicamente, outras não necessitaram de adaptação ou porque a ortografia é idêntica à ortografia portuguesa ou porque não há um correspondente gráfico em português para o fonema.

O segundo grupo contém as unidades lexicais recém-introduzidas em nosso sistema. Algumas dessas unidades já estão dicionarizadas, são conhecidas por freqüentadores de restaurantes e interessados em culinária, não-especialistas, descendentes ou não de italia-

12 O conteúdo referente à unidade lexical, em português, *salsicha*, corresponde ao italiano *würstel* (do alemão).

nos. São unidades adaptadas ou não como *carpaccio*, *al dente*, já dicionarizadas, que ainda não pertencem à língua comum, mas que começam a fazer parte do vocabulário passivo dos falantes pelo seu grau de frequência. Outras unidades frequentes nos documentos do *corpus* não são dicionarizadas. Há unidades já adaptadas como *aceto balsâmico*, *pesto*; unidades lexicais em fase de adaptação como *funghi* (que apresentam registros concorrentes como *fungui*, *funguis* etc.) e palavras não-adaptadas, usadas por especialistas em gastronomia como *agnolotti*, *bottarga*, *bresaola*, *chitarrine*.

Mais do que “empréstimos” cuja acepção primária é ceder temporariamente, pressionando a devolução do objeto emprestado em bom estado, a incorporação de palavras estrangeiras ao sistema de uma língua é uma *aquisição*, ou seja, uma vez adotadas pelo novo sistema, a tendência é que o “novo proprietário” adapte, modifique, assuma apenas uma acepção da unidade lexical. A palavra estrangeira no novo sistema cria uma história própria, paralela à história lingüística da palavra original na língua-fonte, criando novas acepções. Esse fato pode ser observado na sobrevivência de alguns empréstimos nas línguas receptoras, enquanto a unidade lexical, na língua-fonte, torna-se um arcaísmo.

ABSTRACT: Nella terminologia gastronomica della lingua portoghese si trovano unità lessicali provenienti dalla lingua italiana, adattate o no, dizionarizzate o no. L'adattamento al sistema e alle norme della lingua ricevente rivela che i forestierismi, oltre ad integrarla, modificano anche la visione del mondo dei parlanti e, a loro volta, vengono modificati da questa visione del mondo, acquistando nuovi semi.

PAROLE CHIAVE: prestiti; forestierismi; italianismi; gastronomia.

Bibliografia

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, I. M. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: BASÍLIO, M. (Org.). *Palavra*. Volume temático I. A delimitação de unidades lexicais. Série Linguagem. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC, 1999.
- CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.
- COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- FORNARI, C. *Dicionário-almanaque de comes & bebes: acessórios, bebidas, comidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (C&B)
- GOMENSORO, M.L. *Pequeno dicionário de gastronomia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999. (PDG)
- GOTTI, M. G. *La gastronomia: Grande Enciclopedia Illustrata*. Milano: Garzanti, 2000. (GEI)
- JACKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001.

- MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Princípios de lingüística geral*. 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1970.
- QUEMADA, B. Les noms des mots ou des noms pour les mots. A propos de la terminologie lexicologique. In: *Studies in Honour of Roberto Busa* S. J. *Linguistica computazionale*, volumi IV-V. Pisa: Giardini Editori e stampatori, 1981.
- SABATINI, F. *La comunicazione e gli usi della lingua*. Torino: Loescher, 1984. Cap. VII: “Le parole e il loro significato”
- WEINREICH, U. *Lingue in contatto*. Torino: Boringhieri, 1974.